

**A energia eléctrica vai faltar**

Como consequência da falta de água nas barragens e da falta de divisas para comprar combustível, o Governo decidiu fazer periódicos cortes de luz.

De 5 a 9 de Julho, o Algarve terá o seu 1.º corte entre as 15,30 e as 17 horas.

Outros se seguirão em data a indicar.



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXII

7-7-76

(Preço avulso 3\$50)

N.º 588

Composto e Impresso  
GRÁFICA EDITORA  
Av. João Ferreira da Maia, 20  
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua da Carreira  
Telef. 6 25 36 LOULÉ

# RAMALHO EANES

## o Presidente eleito para servir Portugal

Do seu programa de acção, cuja honestidade muito admiramos e confiamos, registamos o seguinte:

«Vamos refazer o país. Vamos reconstruí-lo. Vamos colocar todas as pedras para construir a liberdade de que carecemos. Em cada aldeia, em cada cidade, em cada vila, os homens possam ser dignos dos seus destinos. Há que dar aos homens da nossa terra a liberdade de realizarem as obras autênticas de que cada um necessita para o seu próprio bem estar. Vamos trabalhar por todo o país para levar a efeito os seus anseios e sem os quais não podemos progredir numa vida nacional séria».



GENERAL  
RAMALHO  
EANES  
14.º Presidente  
da República  
e Comandante  
Chefe das  
Forças Armadas

## AS ELEIÇÕES DA ESPERANÇA

Supomos que os leitores assíduos deste jornal estarão perfeitamente recordados da maneira eufórica como «A Voz de Loulé» saudou o 25 de Abril como a «Revolução da Esperança».

Sonhamos com essa revolução ao longo de anos e deliramos de emoção e esperança por termos imaginado que o 25 de Abril era o quebrar das grilhetas que durante 48 anos nos amordaçaram.

Tal como nós, pensamos que também à maioria dos portugueses afloraram lágrimas de alegria nos momentos áureos da Revolução de Abril, em que quase todos vibrávamos só de ouvir: «Grândola, vila morena». Nessa altura os portugueses imaginavam-se num país diferente — por-

que sentiam algo de diferente no ar que respiravam, na alegria contagiante que a todos imanava no mesmo ideal de liberdade e principalmente porque se podia finalmente falar (e escrever nos jornais sem pensar na Censura) e

confraternizar em sábia comunhão de ideias, porque havia um ideal que era comum a todos: transformar a sociedade portuguesa e proporcionar a todos mais pão, mais educação, mais saúde, (Continua na pág. 8)

## O SIGNIFICADO de uma preferência

Enfrentando vicissitudes sem conta, a vida política portuguesa acaba de ver finalmente consagrada a caminhada empreendida rumo à Democracia.

Colhendo a preferência de substancial maioria do eleitorado, a vitória do general Ramalho Eanes foi coroada, naturalmente, por um generalizado suspiro de alívio e de esperança.

Os portugueses confiam. Esperam poder beneficiar de uma vivência menos sobressaltada, ainda que lhes sejam exigidos novos sacrifícios adicionais. A Pátria empobrecida carece mais do que nunca do esforço colectivo. O Povo tem de fazer das fraquezas forças! Força para, por sua vez, exigir dos dirigentes a limpidez e a seriedade que se impõem. Força para esconju-

rar aqueles que se empenham em fazer de Portugal um lamaçal de ódios e vícios. Força para, pedra a pedra, reerguer as (Continua na pág. 3)

Um esclarecimento do Ministério da Agricultura e Pescas a propósito

## ...E as nacionalizações continuam

O artigo que sob este título publicámos no nosso número 485 mereceu do Chefe do Gabinete do Ministro da Agricultura e

Pescas os comentários que a seguir publicamos.

Fazemo-lo gostosamente, pois a carta recebida significa que, ou já estamos, ou vamos de facto viver em verdadeira democracia.

A nossa alegria é transbordante porque:

— Dantes tínhamos medo de discordar do Governo.

— Não adiantava fazê-lo, porque a Censura cortava até pequenas notícias (que guardámos por curiosidade).

— Quando se fazia qualquer ataque (mesmo suave) a actos do Governo, as entidades oficiais

(Continua na pág. 7)

## APOIO E PALAVRAS AMIGAS CHEGAM-NOS DA VENEZUELA

Após um silêncio plenamente justificado por quem tem uma vida repleta de ocupações e portanto sem tempo livres, acabamos de receber do nosso conterrâneo e dedicado assinante sr. Manuel Clemente Corga, uma extensa carta em que nos «manifesta mais uma vez o seu firme e sincero apoio ao nosso prestigioso jornal» e em que nos revela estar estabelecido há 15 anos na Venezuela, onde possui uma oficina de fabricação e conserto de jóias e relógios, profissão que aprendeu naquele país, pois em Portugal era seringueiro civil. Manifesta-nos o seu orgulho por pertencer ao grupo de homens que, na EVA, construiu as primeiras camionetas feitas no Algarve.

O sr. Clemente Corga sente-se um homem feliz: tem apenas o exame da 4.ª classe, mas teve «a sorte de frequentar a escola»

(Continua na pág. 4)

## FEITA JUSTIÇA A UM TRABALHADOR saneado da Câmara Municipal de Loulé

Com o pedido de publicação, recebemos do sr. Quirino Meilha, a carta que a seguir se transcreve.

Sr. Director de «A Voz de Loulé».

Porque fui vítima da actualização errada e injusta da anterior

Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Loulé, a que presidiu o dr. Barros Madeira, venho por este meio dar a conhecer, a si e aos leitores do seu jornal, parte do que foi a minha odisséia a partir de Agosto de (Continua na pág. 4)

## Carta do Canadá

Com frequência chegam à nossa redacção, de diversos pontos do País e do estrangeiro, cartas com vales e cheques destinados ao pagamento de assinaturas do nosso jornal.

Algumas dessas cartas trazem-nos palavras de reconfortante apoio e incitamento a que prosigamos na defesa intransigente dos mais sãos princípios de justiça e bem estar social para todos os portugueses — e não apenas para alguns «eleitos» (novos ou velhos).

Ao contrário do que fizemos recentemente, não vamos publicar o nome das pessoas que nos escreveram, pois, infelizmente,

ainda há neste país, muita gente que tem medo que se saiba qual é o seu pensamento acerca da política.

Evidentemente que esse foi o resultado lógico dos acontecimentos ocorridos durante o «reinado Gonçalvista», mas, a verdade é (Continua na pág. 3)

## A ALEGRIA de sermos pobres

(Ler na última página)

## MENSAGEM DO GENERAL EANES AO POVO PORTUGUÊS

As palavras que a seguir se publicam foram as primeiras proferidas pelo General Eanes na qualidade de presidente-eleito.

Arquivamo-las como simples homenagem ao Homem que se propõe fundamentalmente, combater o medo que oprime e o detestável e funesto ódio que tem dividido os portugueses.

Estas são duas pedras fundamentais para a recuperação social entre os que aqui nasceram e querem continuar a ser portugueses:

«O Povo Português elegeu livremente o seu Presidente da República.

O modo como decorreu o acto eleitoral confirma a vontade da grande maioria dos portugueses em participar na institucionalização da Democracia. O Presi-

(Continua na pág. 3)

«A Voz de Loulé», n.º 588, 7-7-76

«A Voz de Loulé», n.º 588, 7-7-76

## MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA.

SECRETARIA NOTARIAL  
DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria  
Odília Simão Cavaco  
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação que por escritura de 16 do mês corrente, lavrada de fls. 136, v.º a 138, do livro n.º A-45, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Manuel Ricardo Mendes da Silva, Julieta Guerreiro, Valter José Domingos da Piedade e Eunice Clara Guerreiro da Silva, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Manuel Ricardo M. da Silva & C.ª, Lda.», e tem a sua sede na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 56, freguesia de S. Clemente, nesta vila e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

2.º — A sociedade tem por objecto a indústria de construção civil e compra e venda de propriedades, ou qualquer outra actividade determinada pelos sócios e que não seja proibida por lei.

3.º — O capital social integralmente realizado, em dinheiro, já entrada na Caixa Social, é de 600 000\$00, e foi subscrito pelos sócios, sendo a quota de cada um, de valor nominal de 200 000\$00, para o primeiro e segunda, e de 100 000\$00

para cada um dos restantes.

4.º — 1. A cessão de quotas total ou parcial é livremente permitida entre os sócios.

2. A favor de estranhos é necessária autorização da sociedade, que terá direito de preferência em primeiro lugar e os seus sócios, em segundo.

5.º — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimimentos à Caixa, mediante as condições a estabelecer em assembleia geral.

6.º — 1. A gerência da sociedade, dispensada de caução e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com a remuneração que lhe for fixada em assembleia geral.

2. Para obrigar validamente a sociedade basta a assinatura de um dos sócios gerentes.

3. Qualquer dos gerentes poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração, em quem entender.

4. É expressamente proibido aos gerentes ou seus procuradores obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes.

7.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com, pelo menos oito dias de antecedência, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé,  
18 de Junho de 1976.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## 2.º SALÃO DE ARTE FOTOGRAFICA

A nível internacional, está o Racial Clube de Silves a levar a efeito a segunda edição do Concurso de Arte Fotográfica.

Até 30 de Setembro de 1976 podem ser enviadas as inscrições (gratuitas) dos trabalhos a preto e branco ou a cores para a sede do Racial Clube, na Rua dos Operários, 28, Silves, para onde também podem ser remetidos todos os pedidos de esclarecimento sobre este Salão.

## PRETENDE PLANTAR

### OLIVEIRAS?

Tenho p/ venda, de sequeiro e enxertadas prontas a dar fruto.

Informa esta redacção ou  
Telef. 62832 — LOULÉ.

## Industrial de Móveis Imbondeiro, Lda.

1.º CARTÓRIO  
SECRETARIA NOTARIAL  
DE LOULÉ

Notário: Licenciado Nuno  
António da Rosa Pereira  
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 do mês corrente, lavrada de fls. 136, a 138, do livro n.º C-88, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Carlos Alberto da Silva Carvalho, Rui Augusto de Sousa Cunha Pereira, Luís Henriques Martins, Manuel Bernardino Adelino da Silva Ferreira, Luís Manuel Rio Torto Fernandes e Roberto Lusitano Gonçalves de Carvalho, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «Industrial de Móveis, Imbondeiro, Limitada», tem a sua sede na Rua Miguel Bombarda, números quarenta e quatro a cinquenta e dois, desta vila e freguesia de São Sebastião, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje;

Segundo — O seu objecto consiste no exercício da indústria de marcenaria e carpintaria mecânica, podendo a sociedade explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria, em que os sócios acordem e seja permitido por lei;

Terceiro — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de um milhão e quatrocentos mil escudos, e está dividido em sete quotas iguais de duzentos mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Quarto — 1. A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente permitida entre os sócios;

2. A estranhos, fica dependente de prévio consentimento da sociedade, a qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar, e a cada um dos sócios em segundo;

Quinto — 1. A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral;

2. Qualquer dos gerentes poderá delegar todos ou

## PROPRIEDADES

### VENDEM-SE

Uma no sítio de Arroche-la (junto ao Morgadinho Vilasol) com cerca de 1 hectare.

Outra nos Selões (próximo da bomba da Shell) com cerca de 3 000 m2.

Informa Telefone 62336 — LOULÉ.

parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração em quem entender;

3. Para obrigar validamente a sociedade são necessárias as assinaturas, em conjunto de três gerentes, ou seus procuradores, podendo, no entanto, os actos de menor expediente, ser assinados por qualquer gerente ou seu procurador;

4. Fica vedado aos gerentes ou seus procuradores, obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Sexto — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência de oito dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 23 de Junho de 1976.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## AGRADECIMENTO



JOGO DE GILVRAZINO  
— PARRAGIL

### JOSÉ DIAS

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam a sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

Para todos, o penhor da nossa gratidão.

## ARRENDAR-SE EM SILVES

No melhor local da Cidade de Silves, amplo armazém, com frente toda em montras.

De construção recente, com área coberta de 140 m2, óptimo para qualquer ramo de negócios.

Trata: Competidora Comercial Louletana, Lda. — Rua Dr. Frutuoso da Silva, 45 — Telefone 62095 — LOULÉ.

## Cine-Clube Racal actua em plena Serra Algarvia

A aldeia do Alferce (na serra de Monchique, no Algarve) ainda não tem luz eléctrica.

No entanto, o Cine-Clube Racal, que dá enorme importância à divulgação do Cinema em zonas rurais, conseguiu ultrapassar esta dificuldade.

Usando um velho gerador de electricidade, cedido pela Casa do Povo do Alferce, o Cine-Clube Racal projectou o filme português «O Leão da Estrela».

Escusado será dizer o entusiasmo com que a população da localidade acolheu a projecção gratuita do filme.

Os nossos parabéns ao Racal Clube por esta excelente iniciativa — que é sinónimo da força de vontade das pessoas que orientam os seus destinos.

## SAÚDE, responsabilidade de todos

Se o homem cumprir as regras e os preceitos de higiene e viver uma vida sã, contribuirá grandemente para a melhoria do seu estado de saúde.

A saúde é uma frente na construção do país.

Um trabalhador saudável tem um potencial de reserva que é a melhor garantia para uma maior força de acção e decisão. É um verdadeiro capital que está à sua disposição, e que terá de gerir da forma mais acertada para seu benefício pessoal e dos outros com quem vive e trabalha, sendo essa gestão não apenas o evitar a doença mas sobretudo melhorar a saúde. Mais, este capital não deve ser exclusivamente seu mas pertença de toda a comunidade. Sendo mais saudável, evita as despesas que a doença normalmente acarreta, tais como médicos, medicamentos, dias de trabalho perdidos e outras.

A cada um de nós cabe não só a responsabilidade de promover a nossa saúde, mas também a tarefa de transmitir a outros os conhecimentos e informações úteis neste campo.

O que fizermos de positivo para a saúde, contribui para o bem comum e para o desenvolvimento económico e social. O poder de um país avança-se em grande medida, pelo estado saudável do seu povo.

Como lhe compete fornecer informações úteis, a Direcção-Geral de Saúde irá publicar, neste jornal, um conjunto de textos preparados pelo Serviço de Educação Sanitária sobre: A luta contra a contaminação da água, — o lixo como causa indirecta de doença, — micróbios, inimigos invisíveis, e, os perigos dos esgotos para a saúde.

LOULÉ



## AGRADECIMENTO

MARIA DO ESPÍRITO  
SANTO ROMÃO

Viúva de António Brito  
da Mana Júnior

Sua família cumpre o doloroso dever de vir agradecer a todas as pessoas que acompanharam o ente querido à sua última morada ou que de qualquer modo testemunharam o seu pesar.



QUARTEIRA



BERNARDETE  
GONÇALVES PONTES

Seus pais, irmãos e restante família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

# ...E as nacionalizações continuam

## A GRAVIDEZ E O TABACO

(continuação da pág. 1)  
tinham ordem expressa para não responder (exactamente como acontece hoje nos «socialismos» de ditadura que são exactamente iguais aos fascismos ditatoriais).

— Hoje, é diferente, muito embora sintamos ainda a pressão camuflada de forças interessadas em banir a liberdade de expressão no nosso país... pois querem apenas as «suas» amplas liberdades.

Estamos, portanto, satisfeitos pela atenção com que fomos distinguidos pelo M. A. P. a cuja carta faremos comentários finais para mais lógica apreciação do leitor.

Ex.<sup>ma</sup> Sr.

Director do Jornal «A Voz de Loulé» — Loulé.

Ex.<sup>ma</sup> Senhor.

O Jornal que V. Ex.<sup>a</sup> dirige publicou no número de 2 de Junho último, sob o título «Santa Ingenuidade... E as nacionalizações continuam», um comentário às expropriações determinadas pela portaria do MAP n.º 301/76, publicada na I Série do «Diário da República» n.º 114, de 15 de Maio de 1976.

Não será este Ministério que porá em causa o direito de «A Voz de Loulé» e do autor do comentário terem as opiniões que quiserem sobre a Reforma Agrária (e, felizmente, as poderem exprimir!). Já o MAP não pode deixar passar em claro que sejam desvirtuados os textos legais dele emanados, para que certas opiniões e certa forma de alarmismos encontrem justificação.

Com efeito, o autor do comentário retirou da portaria apenas o que lhe interessava para o objectivo que tinha em mente atingir. Assim, quando diz que foram «nacionalizadas» mais de 38 propriedades com menos de 1 hectare, esqueceu-se de completar o quadro.

A realidade é, de facto, bastante diferente. De 40 prédios com áreas iguais ou inferiores a 1 hectare (courelas ou ferrajais), que foram expropriados por essa portaria, verifica-se o seguinte: 15 pertenciam a patrimónios entre 500 e 1 000 ha, 8 pertenciam a patrimónios entre 1 000 e 1 500 ha, 14 a patrimónios entre 1 500 e 2 000 ha, 1 a património superior a 2 000 ha e 2 pertenciam a património superior a 4 000 ha. Julga-se que este exemplo é suficientemente elucidativo do propósito que norteou o autor do comentário.

O MAP aproveita o ensejo para esclarecer, mais uma vez, o critério das expropriações e as disposições legais presentemente em vigor a este respeito:

a) de acordo com a orientação definida pelo Governo, as expropriações que estão a ser efectuadas correspondem a proprietários que tiveram as suas terras ocupadas e estão abrangidos pela respectiva lei; estes proprietários têm direito a uma área de reserva equivalente a 50 000 pontos;

b) com base nos pareceres da «Comissão de Análise e Estudo dos Problemas Surgidos com a Reforma Agrária», têm sido exarados despachos para a devolução aos seus proprietários de prédios rústicos que foram ocupados e não estão sujeitos a expropriação;

c) não são expropriáveis os proprietários de prédios rústicos que, no seu conjunto, não excedam a área total de 30 hectares, qualquer que seja a pontuação

destes prédios (cerca de 97% das explorações agrícolas existentes no país estão abaixo deste limite);

d) encontram-se legalmente definidas as zonas de intervenção da Reforma Agrária, na parte que respeita à legislação sobre expropriações, conforme os diversos meios de comunicação social largamente divulgaram.

Aguardando a publicação desta carta e com os melhores cumprimentos.

Lisboa, 14 de Junho de 1976.

O Chefe do Gabinete,  
(assinatura ilegível)

NOTA DA REDACÇÃO — O recebimento desta carta deu-nos certeza de que «A Voz de Loulé» chegou até ao Ministério da Agricultura e Pescas. Isto faz aumentar a nossa responsabilidade perante as entidades oficiais que estejam atentas à leitura deste jornal.

Temos, portanto, que ter mais consciência acerca do que escrevemos, para que possamos manter uma posição de verticalidade em que a verdade e a honestidade se sobreponham a interesses individuais ou de grupos.

Podemos, por isso, dizer que, é verdade que retirámos «da portaria apenas o que interessava para o objectivo que tínhamos em mente atingir». Por isso, podemos dizer, com toda a clareza, que não «desvirtuámos os textos legais».

Evidentemente que isso é pura expressão da verdade, pois o nosso objectivo foi exactamente alertar todas as pessoas que, ingenuamente, ainda julgavam que só eram expropriáveis os grandes latifúndios. (Quem se não lembra ainda da revolucionária «canção» que queria deltar abaixo os grandes latifúndios e os monopólios?)

Por isso considerámos que era santa ingenuidade as pessoas pensarem que as pequenas courelas não eram atingidas no seu conjunto.

Se há por aí alguém que ainda tenha dúvidas que releia a carta do M. A. P. acima publicada, a qual se limita a confirmar o que escrevemos.

De resto é natural que essa dúvida ainda possa subsistir pois os senhores que, por falta de imaginação criadora, «transplantaram» para Portugal a Reforma Agrária parece que tiveram sempre o cuidado de esconder os seus objectivos finais.

Evidentemente que a intenção da local que escrevemos não foi defender a Reforma Agrária, pois até já tivemos a coragem de dizer que discordamos, frontalmente, da maneira como ela está sendo encaminhada.

Se lhe chamarem, por exemplo, Reorganização Agrária, já deixava de ser (aparentemente) uma cópia fiel do ultrapassado sistema do Leste e poderia ter mais favorável acolhimento.

(E já agora a propósito: por que diabo havemos de copiar o que se passa lá por fora (de mau) para fazermos um país novo? Seremos todos assim tão pouco inteligentes que nem ao menos sabemos criar algo de novo e melhor para nós?)

Nós sentimos o direito de discordar da forma como está a ser feita a Reforma Agrária porque a consideramos uma lei injusta

e de esbulho. Por isso não tínhamos que completar o quadro nem desvirtuá-lo, o texto legal Limitamo-nos (nós também!) à crueza dos números. Numa só portaria — e já saíram mais de uma dezena e de nacionalizações continuam a sair... — foram nacionalizadas mais de 38 propriedades com menos de 1 hectare. Assim, fica bem claro o propósito do autor do comentário — esclarecer que também as propriedades com menos de 1 hectare são expropriáveis, quando no seu conjunto atinjam 50 000 pontos e ultrapassam os 30 hectares, o que quer dizer que um agricultor, que teve o azar de comprar ou herdar propriedades que, no seu conjunto, ultrapassam os 30 hectares (e que teve a pouca sorte de essas terras estarem incluídas no Portugal de 2.º) está agora condenado a viver pobre, ou miseravelmente, conforme o volume do seu agregado familiar.

E isto porque o Estado lhe arreasta tudo e... condena-o a ir viver para outra terra, onde nunca teve um palmo de chão e onde, portanto, terá que iniciar uma nova vida, nem que tenha 70 anos de idade ou mais.

São estes os princípios da tal «sociedade mais justa», mas na qual... só uns quantos passam a governar-se muito bem?

Quanto aos esclarecimentos que nos são dados a publicar, também nos merecem alguns comentários.

E que, verifica-se que a Lei da R. A. não é uma Lei igual para todos neste país. É uma Lei discriminatória: se as terras foram ocupadas aplica-se a Lei. Se não foram, a Lei não funciona...

E daí o perceber-se (agora) a razão da urgência em pressionar os pobres trabalhadores alentejanos para ocuparem, depressa, todas as terras, especialmente as melhores entre as boas.

E como os trabalhadores alentejanos foram empurrados para ocupar as melhores propriedades que os latifundiários deixaram abandonadas... porque estas não são abrangidas pela tal Lei do funil.

E assim se contradizem os objectivos da verdadeira Reforma Agrária.

E a Lei nem sequer pode servir para todo o país (é um país muito grande!) no extremo sul do Algarve ou do Tejo para cima, pode-se ser proprietário de belas quintas incluídas em conjuntos de propriedades que atinjam 100 ou 500 mil pontos e, simultaneamente, ministro, secretário ou subsecretário de Estado, pertencer a qualquer comissão de gestão de qualquer empresa auferindo ordenados de 30 contos por mês, ter a mulher a ganhar outro tanto em qualquer secretaria de Estado ou de empresa e dormir tranquilo porque a R. A. não vai tocar nas suas quintas que até podem ter belas casas com piscinas! Mas se trabalhar a terra, normalmente casado e com 2 ou 3 filhos e outros familiares; se tiver o azar de estar radicado no Portugal de 2.º e possuir um conjunto de courelas que atinjam os 50 000 pontos e 30 hectares (100 contos por ano!) leva um arresto total e depois que vá pedir a reserva prevista na Lei, que lhe será atribuída onde a senhora IRA entender que melhor convém... podendo suceder que todas, mas todas as courelas que eram suas deixarão de o ser! E talvez que os senhores que copiaram essa Lei, e que sonham com os bons ordenados que ela lhes proporcionará, não saibam (ou fingem ignorar) que, para a maioria dos proprietários das terras, elas têm outros valores, tanto ou mais importantes que aqueles que lhe são atribuídos pela crueza dos pontos!...

Os senhores que fazem (ou copiam) estas leis nos cómodos gabinetes não podem compreender o que significa tirar a terra para quem nela tem o sangue, o suor, a saudade do país e a esperança dos filhos.

O lavrador que trata a sua terra, acumula aí o trabalho de gerações, por isso lhe dedica amor, extremo. Trata-a com desvelo. Tem amor à terra, a casa, à árvore, à vaca. Ama-a como mãe e vida e razão fundamental da sua existência como homem.

Por isso não pode aceitar que lhe roubem... só para que mude para mãos de pessoas que nunca criaram nada e que apenas pensam em números de aritmética que (quantas vezes!) são invertidos, quando convém fazer estatísticas.

Mas se o proprietário das terras, das tais situações no Portugal de 2.º, exerce outra actividade que não a de agricultor, actividade mesmo que pouco rendosa — e há tantas poucas rendosas — nem sequer terá direito à reserva! Ou não será assim Sr. Chefe de Gabinete do MAP?

É ainda muito importante salientar que, segundo a Lei, marido e mulher, que trabalhem em sectores distintos, podem auferir salários até 80 contos mensais, enquanto que uma família que trabalha na terra como proprietários (e podem ser 5 a 8 membros) terá que se contentar com 100 contos por ano!

Será assim que se pretende fazer a tal sociedade mais justa e sem privilegiados?

Quanto aos 97% das explorações agrícolas existentes no país estarem abaixo do limite da área total dos 30 hectares, ocorre-nos perguntar se essa afirmação não será baseada em alguma daquelas estatísticas que têm sido tão vulgares neste país e cujos resultados tanto se afastam da realidade. A nós, pelo que conhecemos e pelo que nos dizem, ela estará mesmo nessas condições.

Digam o que disserem e façam o que fizerem: a política de colectivização da terra (mesmo que a aceitemos como solução ideal e inevitável), não pode ser feita em Portugal no espaço de poucos anos.

As pessoas que vivem da terra sentem-lhe demasiado amor para se conformarem com a ideia de que «tudo é de todos». É uma utopia dos idealistas (talvez loucos) pretenderem mudar a mentalidade de um povo como se muda uma camisa.

A aplicação da chamada Reforma Agrária terá no Algarve uma aplicação diferente da do Alentejo: como não há trabalhadores (daqueles que «trabalham» de sol-a-sol à sombra de uma azinheira) em número nem com força suficiente para ocuparem as terras que lhes foram «roubadas» há séculos, no Algarve constroem-se pequenas barragens e «sugere-se» aos lavradores para «juntarem» tudo... para aumentar a produção.

Sabemos que isso já foi tentado no concelho de Loulé, mas os lavradores perceberam o alcance da medida e disseram NÃO, pois preferem colaborar, sim, mas não abandonar as árvores que plantaram, a sementeira que fizeram, a vaca que criaram, para trabalhar na terra alheia e aumentar o «monte comum» que é sinónimo da camuflada colectivização da terra.

Resta agora saber até que ponto os lavradores algarvios terão força para continuar a dizer: NÃO.

Para terminar rematamos com um curioso comentário de um pequeno proprietário rural do nosso concelho: «afinal o que eles querem é tirar-nos a terra, para ficarem os senhores engenhos a dirigir tudo e obrigá-nos a trabalhar, para eles ganharem bons ordenados... com pouco trabalho. O resto são camtigas».

NOTA FINAL — Como prova indelmentável de que as nacionalizações continuam, aí vai mais uma lista: uma Portaria de 7 de Junho nacionalizou mais 12 propriedades: no dia 11, mais 22; no dia 12, mais 103 e no dia 19 mais 91.

Tudo isto prova, à sociedade, que, de facto, apenas 97% das explorações agrícolas estão abaixo dos limites dos 30 hectares...

Durante a gravidez tudo o que é aborvido pela mãe e que lhe é nocivo pode ter repercussões na criança. Se a mãe fumar, a criança também o faz e os riscos que corre são proporcionalmente maiores que o prazer que a mãe sente.

1. Uma mulher pode perder o filho devido ao abuso do tabaco.

A Organização Mundial de Saúde apresenta estatísticas reveladoras a este respeito: a percentagem de aborto é nitidamente mais elevada nas mulheres fumadoras (cerca de 20 por cento).

2. Os filhos das fumadoras nascem frequentemente com um peso inferior a 2,500 quilos.

Quanto mais a mulher fuma maior é o risco:

— 14% para 15 cigarros p/dia

— 25% para 25 cigarros p/dia

— 33% para 35 cigarros p/dia

(Segundo um estudo do D. W. Simpson).

3. O cérebro da criança de uma grávida que fuma é particularmente sensível aos efeitos do tabaco; um estudo inglês efectuado sobre 17 000 crianças cujas mães fumaram durante a gravidez apresentam um atraso de desenvolvimento psico-motor de 4 meses na idade de 7 anos.

4. Cada cigarro fumado pela mãe no decurso da gravidez acelera os batimentos do coração da criança de 5 a 40 pulsações por minuto, durante cerca de 20 minutos.

5. A nicotina do tabaco difunde-se por todo o organismo e passa para o leite materno. Este facto é tóxico para a criança alimentada ao peito por uma mãe que fuma.

## I CENTENÁRIO DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Integrado nas celebrações do I Centenário da Caixa Geral de Depósitos, realizou-se há dias um concurso de desenhos para uma medalha comemorativa do acontecimento.

Ao certame, que teve o patrocínio da IN — CM (Imprensa Nacional — Casa da Moeda), foram apresentados cerca de quatro dezenas de trabalhos, de elevado nível artístico, os quais foram apreciados por um júri constituído por representantes daquela empresa estatal, da Caixa Geral de Depósitos, das Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto, da Sociedade Nacional de Belas Artes, da Academia Nacional de Belas Artes, da Delegação Portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e do Gabinete Português de Medalhística.

Após cuidadosa análise dos desenhos o júri decidiu atribuir o primeiro prémio ao trabalho apresentado sob a divisa Primocento, da autoria de José Cândido, tendo os projectos correspondentes às divisas Aquário, Escorpião, Jota e Sigla, pertencentes respectivamente a Raul da Vaza (os dois primeiros), Jorge Manuel da Piedade Pereira e Quitério dos Reis Pereira sido premiados com menções honrosas.

A edição da medalha será lançada ao público em Julho e está prevista uma exposição de todos os trabalhos apresentados.

## VENDE-SE

Um prédio antigo, que serviu de fábrica de curtumes, na Rua do Poço. Bom para construção nova. Tratar com José de Sousa Victorino — Telef. 62130 — LOULÉ.

## CASAMENTO

Menina solteira, de 35 anos, residente há 4 anos na Alemanha, deseja conhecer senhor solteiro, dos 30 aos 38 anos, para fins matrimoniais.

Guilhermina Reis da Nazaré — 517 Julich — Elisabeth Str. 1 — ALEMANHA.

## VENDEM-SE

Apartamentos com 4 assoalhadas com chave na mão, situados na Expansão Sul — Cadoiço — Loulé.

Informa: Filipe Marwan Murta, 3.º, Dt.º, — Cadoiço — LOULÉ.

## OFERTA DOS ESTADOS UNIDOS A PORTUGAL

Os Estados Unidos vão oferecer a Portugal dezasseis mil fardos de algodão, no valor de cerca de 150 mil contos.

# LOULÉ IRÁ, FINALMENTE, A PROPÓSITO alargar a sua área urbanística? DE EMIGRAÇÃO

Durante a recente visita ao Algarve do Almirante Pinheiro de Azevedo, tivemos oportunidade de apreciar no edifício do Gabinete de Planeamento do Algarve, em Faro, o projecto de um arrojado plano de Urbanização que, segundo pensamos, poderá dar solução ao problema habitacional de Loulé para os próximos anos.

Trata-se do aproveitamento urbanístico da zona nordeste da vila, correspondente, portanto, à zona norte da Avenida José da Costa Mealha e cujos sonhos de ocupação vêm praticamente desde que, há cerca de 50 anos, se rasgou a nossa bela e ampla Avenida.

No decorrer deste espaço de tempo apenas 2 ruas se abriram para norte, estando praticamente, entapadas mais 5 artérias cuja extensão não vai além dos 50 metros.

Depois, é toda uma vasta área mal aproveitada pela agricultura e que, ao longo de todo este tempo, tem sido amplamente cobrada como solução ideal para a expansão natural e lógica de uma vila que, ainda hoje, conserva a configuração de uma cobra, pois tem-se expandido excessivamente apenas no sentido nascente-poente.

Por este motivo, a ocupação da área em referência tem sido tema de apaixonantes discussões ao longo de, pelo menos, 30 anos, pois parece-me que nasceram nessa altura as primeiras ideias e talvez projectos de urbanização.

Estamos perfeitamente recordados de, há uns 20 anos, ter estado em exposição nesta vila, uma maquete com o bonito projecto de ocupação da zona em referência.

Mas tudo foi esquecido porque os terrenos eram caros, os proprietários de difíceis contactos, a obra dispendiosa e, segundo se disse na altura, era ruinosa para a Câmara, talvez por não poder suportar os encargos financeiros das infra-estruturas: água, luz, esgotos, etc.

O certo é que, entretanto, várias entidades particulares tentaram negociar com os proprietários dos terrenos mas não chegou a haver qualquer possibilidade de acordo, face aos altos preços pedidos e à falta de um espírito de colaboração a que um certo egoísmo pessoal não foi alheio.

De resto a especulação com os terrenos foi sempre o grande travão a impedir o desenvolvimento urbanístico de Loulé, pois os proprietários «todos os dias» esperavam que aparecesse alguém interessado a «oferecer mais e mais uns escudos» por cada metro quadrado.

E os preços subiram em flecha, as casas custavam cada vez mais caras e as rendas foram subindo vertiginosamente...

A procura de casas era (e continua a ser) superior à oferta e daí a especulação com os preços das casas, o excessivo lucro obtido com essas transacções e os imperdoáveis e clamorosos erros cometidos só para aumentar os lucros daqueles que colaboravam na sua construção.

A febre de ganhar mais dinheiro apoderou-se de quantos tiveram o mínimo de oportunidade de fazer qualquer negócio.

Continuamos, portanto, a sofrer as consequências dos erros cometidos. Erros no planeamento da construção; erros de estruturas; erros (clamorosos e imperdoáveis) no sistema eléctrico, nas ligações da água e dos esgotos e preocupação predominante em que os acabamentos permitissem sempre um lucro excessivo.

Agora, parece que é chegada a oportunidade de relançar a construção civil. Por isso, importa saber como vão ser feitas as novas estruturas.

Importa saber se os excessivos lucros obtidos pelos construtores não irão manter-se, a nível oficial,

mas com o nome de «excessivos ordenados».

★

Agora, chegados ao mês de Julho de 1976, com a construção civil praticamente parada (porque tudo se fez propositadamente para que tal acontecesse), a população de Loulé tem ainda mais necessidade de casas para viver melhor. E tem pleno direito a uma vida melhor, que só uma casa melhor pode proporcionar. Enquanto houver seres humanos a viver em casas próprias para animais, a construção civil não pode abandonar o seu ritmo dum trabalho dinamizador de uma economia ao serviço do homem que tem direito a uma vida digna.

Aconteceu que a selvática ocupação de casas fez aterrorizar as pessoas que poderiam construir casas para vender ou para alugar, e por isso, agora, praticamente cada qual se limita a procurar construir a sua própria habitação (e nada mais), de que está resultando o desemprego na construção civil e a paralização da mais impulsionadora actividade desta pais.

Mas a grande verdade é que é preciso construir mais casas, agora que estão criadas condições ideais para que seja o Estado, através dos seus técnicos especializados, a planejar o desenvolvimento urbanístico do País e portanto a dinamizar a construção social de forma a acabar com aquilo a que se chamava de enormes lucros dos construtores civis.

É evidentemente que é de aplaudir a nova situação que vai ser criada... desde que não haja novas pessoas a aproveitar novas oportunidades de obterem enormes lucros, embora com outro nome.

Na verdade, o que é realmente importante é que haja cada vez mais, maior número de portugueses, e muito especialmente portugueses (haverá por aí alguma

dona de casa que não sonhe ter a sua casa própria?) que possam ser proprietários da casa que habitam e que esta tenha as comodidades indispensáveis a uma vida decente.

E este problema, tal como hoje se apresenta só pode ser resolvido pelo Estado, porque só o Estado pode fazer as expropriações que considere de interesse público e até porque hoje quase que só compram casas as pessoas que não têm dinheiro suficiente para esse efeito.

É portanto, ao Estado que compete fomentar a construção social e, simultaneamente, conceder empréstimos a longo prazo, aos portugueses que desejem adquirir a sua própria habitação.

★

Sabemos que o estudo urbanístico da zona a que nos referimos foi sugerido pela Câmara de Loulé e que os trabalhos já concluídos são o resultado de um exaustivo estudo realizado pelo Gabinete do Planeamento do Algarve.

É seu principal responsável o arquitecto Moreira, que já nos prometeu revelar mais pormenores acerca do plano. Está previsto que os preços a construir não ultrapassem os 2 ou 3 mil réis e sejam providos de pequenas áreas de recreio individuais.

Nessa altura também está prevista a construção do que os Bombeiros Municipais.

Resta-nos saber quem vai construir e quais as modalidades de pagamento de quem deseje comprar a sua casa e ainda qual o tipo de acabamento.

De qualquer forma, é fácil calcular que a iniciativa tenha o mais favorável acolhimento da população de Loulé, onde há imensas famílias que gostariam de «mudar para uma casa melhor», aspiração que é perfeitamente legítima.

J. A.

## AS ELEIÇÕES DA ESPERANÇA

(continuação da pág. 1)

mais casas e mais alegria de viver!

Não havia vozes discordantes porque todos gritavam em uníssono: Portugal, Portugal, Portugal.

As pessoas sentiam vontade de estar horas e dias agarrados a ouvir a rádio, a TV, a ler jornais: as notícias eram devoradas sofregamente... porque ansiávamos uma vida melhor.

...Mas depressa a desconfiança começou a ensombrar os céus de Portugal.

...Começaram a despontar os oportunistas que, em nome de diversas ideologias em moda, queriam aproveitar-se, egoisticamente da Revolução dos Cravos para colher todos os louros e todos os proveitos.

Seguiram-se 2 longos anos de disputas, de imposições agressivas, de alardear de opiniões demagógicas, de seguidismo a programas prévia e meticulosamente elaborados até ao mais ínfimo dos pormenores.

Tudo fora exaustivamente preparado para que uma nova e mais cruel ditadura se abatesse sobre os portugueses, lançando-os numa terrível noite de obscurantismo e mordida. E começaram as disputas que dividiram os portugueses entre o medo e a esperança, criando-se propositadamente um clima de ódio que divide e de terror que amedronta e faz fugir.

Daí a razão porque milhares de portugueses tiveram que abandonar a sua pátria para procurar refúgio em países distantes.

Um pesadelo imenso abatera-se sobre Portugal.

A guerra civil foi perspectiva aterrorizadora que chegou a parecer inevitável.

Mas felizmente prevaleceu o bom senso dos homens que honesta e firmemente se dispuseram a tudo dar contra um espezinhamento a interesses estrangeiros.

E esses homens dignos e honestos (que ainda os há neste país — para glória do passado e honra do futuro) conseguiram ultrapassar todas as barreiras da demagogia barata e proporcionar ao Povo português a oportunidade única de, livremente, escolher o seu Presidente da República.

Contando com o apoio dos partidos que são autenticamente portugueses, porque não estão subjugados nem são subsidiados por potências estrangeiras, o General Eanes foi, na realidade, o candidato de Portugal. E apesar de os votos terem sido divididos por 4 candidatos, a verdade é que Eanes obteve mais de 61% dos votos. E podemos dizer, conscientemente que essa percentagem só não foi mais elevada porque vivemos num país de comodistas. Daqueles imensos comodistas que sabem de que lado está aquilo que lhes interessa, mas que preferem que sejam os outros a fazer a cama onde eles comodamente se deitarão. E até disseram: «que não é por falta do meu voto que Eanes vai perder».

Pelos resultados obtidos é fácil adivinhar que milhares de pessoas pensaram assim. Quanto ao relativo êxito alcançado por Otelo ele deveu-se, sem dúvida, ao facto de ser um homem muito franco e generoso. Tão generoso que não apenas promete tudo, como

(continuação da pág. 3)  
mente nos locais onde o dinheiro saído de cá criava novos empregos já que o Algarve temava em não cativar os investidores algarvios. Quantos prédios de rendimento não foram construídos na margem sul do Tejo por algarvios temerosos de o fazer nas suas terras?

A emigração passou a ser a única opção que se oferecia ao trabalhador rural para transformar todo um sistema económico — afastar-se dele.

Assim partiram e assim se introduziram aos milhares noutras sociedades, participando também — e por vezes em dramáticas circunstâncias — na sua cultura.

A corrente migratória começou a engrossar nos últimos anos da década de sessenta e não abrandou nos primeiros anos de setenta. Os algarvios emigravam para o estrangeiro e para a zona industrial de Lisboa. Não poucos emigravam também para o Ultramar português. O que era preciso era sair.

A certa altura, a permanência no campo era encarada e vivida como falta de coragem, como sinal de decadência humana, como ausência de interesse pelo futuro próprio e dos familiares. A habitação é, muitas vezes, deficiente. A alimentação rotineira, primitiva e irracional — ainda que, quase sempre, deliciosa. Suspira-se pela torneira a jorrar água ao domicílio, pela luz eléctrica. A escola afastada e de penosos acessos. Os espectáculos, apenas conhecidos. Inenarráveis dificuldades rodeiam a obtenção de assistência médica e, quando vem, por que preço... Em certas épocas do ano as estradas (?) ficam intransitáveis. A tradicional agricultura de subsistência não deixa margem para devaneios.

Nestas condições, muito reais

para quem conhece a vida dos campos, como não pensar em partir?

E partiam mesmo. Todavia, com que nostalgia a ternura acompanhavam a vila que, por cá, entretanto, continuava. Com que entusiasmo acorriam a colaborar na execução de qualquer melhoramento! Com que alvoroço — e também com uma pontinha de legítimo orgulho — confiavam as suas economias às instituições de crédito!

Ao contrário de alguns pseudo-intelectuais, os emigrantes portugueses não tinham qualquer escrúpulo em afirmar a sua nacionalidade e em defender o nome do País dos ataques que lhe prodigalizavam.

E até, culturalmente enriquecidos pelo convívio e pela leitura passavam a dispor de argumentos que usavam em oportunos contra-ataques. Por que não descolonizava a União Soviética as nações amordaçadas, como a Estónia, a Letónia e a Lituânia? Porque não havia eleições livres na República Democrática Alemã?

Em suma, embora afastados no espaço, mantinham-se estreitamente vinculados e participantes no pulsar da mãe Pátria, por vezes com arremedos de madrastra, mas sempre mãe.

E depois? Depois aconteceu uma revolução. Beneficiando da distância, que lhes permitia um juízo sereno sobre o que se passava por cá, começaram a ter algumas dúvidas em relação aos propósitos dos revolucionários. As suas interrogações passaram a ser prontamente iludidas com sonoros «elogios» e o seu natural desejo de esclarecimento comodamente catalogado com um dos muitos rótulos que os ferrosos revolucionários tinham sempre à mão.

Então, sim. Sentiram que a mãe cada vez era mais madrastra. E desgostaram-se. Perante as ridículas figuras feitas por algumas revolucionárias figuras de triste memória por esse mundo além, sentiram vergonha. Desencantados, deixaram de confiar. Os bancos que o digam, já que de balanços de pagamentos e movimentos de invisíveis poucos conhecem.

A construção civil manteve um nível de actividade apreciável apenas porque muitos dos emigrantes, receosos da segurança dos depósitos a prazo nos bancos, trataram de investir na casinha que sempre haviam ambicionado. E isto apesar das constantes ameaças, que a certa altura, eram pão nosso de cada dia, das ocupações selvagens!

Falta de confiança! E situação que não interessa a ninguém!

No momento em que se vira uma esperançosa página na História deste País empobrecido e cansado, é indispensável contar com todos os portugueses de boa vontade e os emigrantes deram inequívocas provas de o serem.

Um programa de Salvação Nacional (em tempos existiu uma Junta com este nome que não salvou coisa nenhuma) é o primeiro passo para a reconquista da confiança perdida.

Acabem-se os rótulos que não dignificam ninguém e muito menos os seus autores.

Cuide-se atentamente da legislação eleitoral, que criou nova categoria de cidadãos portugueses. Os que colaboram mas não entram. Se a sua colaboração é indispensável para a recuperação do país, com que força moral se recusa a sua plena participação?

E, sobretudo, haja obra. De palavras estamos todos fartos. Com trabalho e concórdia, a confiança não tardará. Portugal deve ser, tem de ser de todos os Portugueses.

M. L.

# Mensagem do General Eanes ao povo português

(continua na pág. 8)  
dente da República terá, portanto, que utilizar o seu mandato para consolidar as instituições democráticas e fazer cumprir a Constituição em vigor.

Mas não será só o Presidente da República a cumprir a Constituição. Todos os portugueses terão que a cumprir, pois é esse o único modo de alicerçar a construção do Estado de Direito na sociedade mais justa e genuinamente portuguesa que será implantada.

As leis da nossa jovem democracia serão respeitadas, a começar pela Lei Fundamental. Não serão por isso, tolerados quaisquer poderes, paralelos que contrariem a Constituição, nem será permitido qualquer tipo de actividade de carácter insurreccional, venha de onde vier.

Aqueles que sonham com o regresso a 24 de Abril de 1974 ou a 24 de Novembro de 1975 estão, à partida, condenados pelas leis feitas pelos representantes legítimos do povo e pela opinião pública claramente expressa nas eleições livres que até agora permitiram conhecer a vontade do Povo português.

O primeiro Presidente da República livremente eleito, neste último meio século, constituiu-se, assim, em garante das instituições democráticas e das disposições constitucionais. Não se demitirá de nenhuma das funções que lhe competem, o que significa que imporá aquilo que as próprias leis lhe impõem e tenho a certeza de que todos os portugueses, todos, repito, não de assumir as suas responsabilidades na defesa da Democracia e da independência nacional, tal como a Constituição as define.

Com a eleição do Presidente da República, abre-se uma nova era da vida do Povo Português — a era da legitimidade democrática, da reconstrução económica, da justiça social, da liberdade igual para todos.

Nunca mais as leis serão letra morta e a sua aplicação far-se-á integralmente em todo o território nacional.

A reconstrução não se fará contra os legítimos interesses dos trabalhadores. Far-se-á com eles e para eles, e será um teste decisivo à capacidade de defenderem a independência nacional e de reconstruir Portugal.

A justiça social constitui objectivo prioritário, no ensino, na saúde, na protecção à terceira idade, na dignificação dos tribunais. As liberdades e os direitos fundamentais dos cidadãos serão garantidos, de acordo com as nossas leis democráticas. A liberdade é, simultaneamente, um meio e um fim — um meio de defesa da democracia, um fim

para a dignificação do Homem.

Agradeço ao Povo Português a elevação e o civismo com que, mais uma vez, exprimiu a sua vontade. Sublinho o correcto critério político que permitiu aos cidadãos portugueses optar entre quatro candidatos, de tal maneira, que, logo à primeira volta, e por maioria esmagadora, fez eleger de modo inequívoco o seu Presidente da República.

Serei o Presidente de todos os Portugueses e estou pronto a tudo fazer para criar um clima de entendimento e reconciliação entre todos nós, num ambiente de liberdade e de paz.

## A propósito de emigração A QUESTÃO DA FALTA DE CONFIANÇA

O gosto pela aventura terá constituído, desde sempre, uma das principais motivações para a emigração dos algarvios.

Território pobre, marginalizado do resto do país por essa fatalidade geográfica que é o Alentejo, nunca o Algarve ofereceu aos seus filhos condições de vida aliciantes.

Em épocas contemporâneas o fenómeno agudizou-se com a crise da pesca e das conservas e, nem o turismo proporcionou razões de fixação para os mais ambiciosos. Pelo contrário, o turismo e a difusão de meios de informação mais acessíveis e eficientes — está por fazer a história da influência do transistor

no comportamento das comunidades rurais — proporcionaram um conforto de padrões de qualidade de vida que conduzia à gritante conclusão de que o Algarve não era a terra ajustada aos anseios dos algarvios.

Depois, era a poderosa influência dos que já tinham emigrado. Os automóveis em que se faziam transportar, mesmo adquiridos em oitava mão, eram evidentes sinais de prosperidade. Os latos mais ou menos fantasiosos mais aguavam o desejo de partir.

Assim, enquanto o campo se descapitalizava, o algarvio teve de ir procurar trabalho precisa-

(continua na página 8)

## O SIGNIFICADO de uma preferência

(continuação da pág. 1)  
ruínas espalhadas pela incompetência e pela demagogia.

Algumas nuvens, porém, se acumulam nos horizontes da vida portuguesa. Essas nuvens, de tons carregados, têm necessariamente diversas colorações.

Algumas delas são insultadas por aqueles que, fazendo as suas leituras do manifesto de candidatura do Presidente eleito, acaentam a secreta esperança de que a Constituição venha a ser iludida e que a Nação passe a ser pautada em moldes mais ajustados aos anseios saudáveis.

Mais impetuosas vêm as nuvens empurradas de outros quadantes (quadantes de Leste), cujos entusiasmas nem sequer leituras fazem. Convencidos da posse da verdade, muito simplesmente ignoram tudo o que contraria as suas ambições. Dispostos a tudo, sem olhar a meios, desafiam o futuro próximo numa atitude de arruaça permanente, quer recorrendo a inflamações, promessas recheadas de quimeras, quer brandindo som-

brias ameaças.

Não pode ser! Este País não se desenterra sem ordem, e a ordem, é o respeito pelas leis e por aqueles que têm a missão de as fazer respeitar. Chamem-lhe os nomes que quiserem mas sem ela, nada feito.

Esta velha Nação vai encetar uma árdua jornada nos trilhos da democracia. Durante 4 anos, vai subordinar-se a uma constituição de feição socializante. Vai ser dirigida por um Governo socialista. Vai ser presidida por um homem que se comprometeu solenemente a respeitar a Constituição, que é socialista.

E daqui não se pode sair. Toda a estrutura que irá reger o País está legitimada pela vontade popular. Em democracia, não contam os votos táticos nem os votos úteis. Há votos, e nada mais. E o povo escolheu. O País vai pulsar ao ritmo do socialismo. Mas democrático. Só assim será possível que, dentro de 4 anos, o povo, chamado novamente a escolher, faça dessa escolha simultaneamente um julgamento e uma definição. Julgamento do exercício anterior. Definição do rumo que a experiência adquirida lhe sugerir como o que mais lhe convém.

E então, quaisquer que sejam os resultados desse julgamento e dessa definição, não haverá vencidos nem vencedores. Muito simplesmente, estará assegurada o jogo democrático, o que estaria fora de questão se, em vez do socialismo democrático, tivéssemos o outro, que de democrático só tem o nome.

Nada de batotas, portanto!  
A. F.

## VENDE-SE

Betoneira, com capacidade de 350 l. Motor eléctrico e guincho Beta. 500 kg. com cavalete.

Nesta redacção se informa.

## BORDADOS

Senhora ensina a bordar à mão e à máquina e aceita encomendas.

Nesta Redacção se informa.

Móveis em todos os estilos a preços acessíveis — só na

**CASA SIMÃO**

(A MOBILADORA)

António Simão Viegas, Ltd.º

Telex. 62110

LOULÉ

## CARTA DO CANADÁ

(continuação da pág. 1)  
que os portugueses ainda não estão muito confiantes no tipo de democracia que se deseja seja instituída neste país.

Agora, evidentemente, (tal como no tempo do fascismo) é muito mais cómodo bater palmas e dizer que, sim senhor, está tudo muito bem, podem continuar. Mas, essa é uma posição demasiado cómoda para quem não aceite de ânimo leve as arbitrariedades mais degradantes; as injustiças mais odiosas; as injúrias mais infames; os ataques mais ignominiosos; as ofensas mais preveras e os vexames mais torpes.

O homem só se dignifica quando defende intransigentemente, um ideal que não aceita submissão que seja sinónimo de cega obediência a doutrinas importadas e que o arrastem a degradante vassalagem.

Por isso hoje, tal como já o fizemos antes, queremos dizer NÃO aquilo que entendemos estar errado e que seja abertamente contra os interesses não só da maioria dos portugueses como até daqueles que andam iludidos por falsos profetas.

E isto serve principalmente para dizer aos amigos que nos escrevem, de Portugal e do estrangeiro, que continuamos confiantes em que o Povo Português não se deixará escravizar a interesses (disfarçados de ideologias) estrangeiros e que há-de continuar igual a si mesmo, como o tem sido desde há 8 séculos — com excepção dos 60 anos que esteve subjugado ao domínio castelhano.

Para isso é urgente que todos os bons portugueses confiem nos homens que não recebem dinheiro estrangeiro para alcançarem o poder e que antes se dispõem a sacrificá-lo a que podiam esquivar-se — não fora o seu amor ao torrão pátrio.

Por isso condenamos abertamente aqueles que só aceitam a «independência nacional» desde que esta signifique cega obediência e total submissão a conhecidos imperialismos, que se disfarçam em protectores do povo.

Estamos conscientes de estarmos a defender ideias e os interesses da população de um concelho que, por ser essencialmente agrícola, não pode aceitar nem conformar-se com as ideologias que visam essencialmente o seu aniquilamento material e espiritual.

Prova evidente da coerência do caminho que estamos trilhando é que, no espaço de um ano, apenas 6 pessoas e 2 colectividades (locais) desistiram (por motivos políticos) de assinantes de «A Voz de Loulé».

Entretanto é-nos extremamente grato registar a adesão espontânea de dezenas de novos assinantes, que têm vindo até nós para expressar o seu apoio aos princípios que defendemos.

E sabe bem verificarmos que há pessoas que até têm vagar de nos escrever para manifes-

tarem a sua simpatia para com «A Voz de Loulé», como é o caso, por exemplo, do nosso conterrâneo sr. António S. Martins que nos escreveu do Canadá para fazer «votos para que o nosso jornal consiga sobreviver às actuais taxas dos C. T. T., para que assim nos traga um pouco de calor e carinho da terra jamais esquecida pelos emigrantes portugueses, que longe dela trabalham para que um dia quando a ela tornarem tenham um futuro bom, cheio de alegria, paz, amor e carinho e uma vida autenticamente «democrática».

E o nosso conterrâneo acrescenta: «Será que conseguiremos ter uma democracia em Portugal idêntica à que vivemos nos Estados Unidos, Canadá, etc?»

O nosso correspondente manifesta-nos a sua apreensão como sinónimo de desconfiança perante algumas atitudes do P. S., por pensar que não se trata de um partido autenticamente democrático.

Devemos dizer a este nosso amigo que a nossa opinião é divergente, porquanto temos razões suficientemente fortes para acreditarmos no PS e pensarmos que não fará alianças com o P. C. Além de muitas outras razões basta reflectirmos no que se passou com os casos «República» e «Rádio Renascença», que foram 2 autênticas batalhas travadas pelo P. S. contra a implantação de uma nova ditadura que teria feito mergulhar este país no mais terrível e hediondo obscurantismo e que nos lançaria na mais ignóbil e feroz dependência de países que já mostraram claramente o que pretendem fazer de nós. Ao longo de 2 anos os factos são concludentes e indelmentíveis.

Este nosso conterrâneo, como aliás a quase totalidade dos emigrantes portugueses, tem muito mais confiança no P. P. D. e no C. D. S., pois sabe que estes partidos garantem a propriedade privada — e os que lá itam esforçadamente no estrangeiro sonham voltar à terra natal e encontrar aqui a sua terra, a sua casa ou dos seus pais, para nela viverem uma merecida reforma.

E um direito legítimo e humano que ninguém deveria contestar — mas a ambição dos maus não perdoa que cada qual tenha direito ao seu próprio ninho.

O sr. Martins manifesta ainda a sua estranheza por saber que há dirigentes portugueses que se dizem democráticos e que vão à Rússia receber ordens e participar em comícios e aniversários, como se lá existisse democracia.

São opiniões.

Poderíamos fazer mais comentários, ou transcrever mais passagens da carta, a que nos estamos referindo, mas ela tem passagens bastante duras para com certas forças políticas e por isso preferimos ficar por aqui.

Que nos desculpe o nosso prezado conterrâneo e assinante.

## A Vossa hernia



DEIXARÁ DE VOS PREOCUPAR!...

MYOPLASTIC KLÉBER é um método moderno incomparável. Sem mola e sem pelota, este verdadeiro músculo de socorro, reforça a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar,

«COMO SE FOSSE COM AS MÃOS»

Bem estar e vigor, são obtidos com o seu uso. Poderéis retomar a Vossa habitual actividade. Milhares de herniados usam MYOPLASTIC em 10 Países da Europa (da Finlândia a Portugal). As aplicações são feitas pelas Agências do

**INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França)**

Podereis efectuar um ensaio, completamente gratuito em qualquer das Farmácias abaixo indicadas:

**FARO — Farmácia Higiene — Rua Ivens, 22 — Dia 15 de Julho**

**PORTIMÃO — Farmácia Carvalho — Dia 16 de Julho**

**LOULÉ — Farmácia Chagas — Largo Dr. Bernardo Lopes, 18-A — Dia 17 de Julho (só de manhã)**

Durante o intervalo das visitas do Aplicador, as Farmácias depositárias, poderão atender todos aqueles que se lhes dirijam para adquirir cintas.

## APOIO E PALAVRAS AMIGAS CHEGAM-NOS DA VENEZUELA

(continuação da pág. 1)

numa época em que o tempo de aula era ocupado para aprendermos». Contudo, lamenta não ter podido ir mais longe com os seus estudos.

No entanto, apesar da sua pouca cultura, este nosso conterrâneo é comentarista da rádio em língua portuguesa e tem escrito muito acerca de Portugal e dos seus problemas. Presentemente tem a seu cargo, há quase um ano, uma página dedicada à cidade de Maracay no semanário «Voz de Portugal», editado em Caracas. Da facilidade com que redige são testemunha as cartas que nos escreve e os artigos que nos enviou comentando acontecimentos já ultrapassados e portanto sem o enorme interesse que a actualidade lhes daria.

Isto leva-nos à seguinte interrogação: quantos dos nossos jovens do 3.º ou 5.º ano (actuais) terão capacidade gramatical ou de redacção para escrever para jornais?

Creemos que muito poucos, pois conhecemos exemplos verdadeiramente desoladores do abandono do ensino nas nossas escolas.

Será brincando nas aulas que vamos fazer um País Novo? Não acreditamos.

Este comentário serve principalmente para felicitar o sr. Manuel Clemente Corga pelos êxitos alcançados tanto na sua vida profissional como nos sectores em que ocupa os seus tempos livres.

### Esta é que é autêntica Democracia!

Divulgou há dias a imprensa mais nomes de militares que foram postos em liberdade e que tinham sido presos em consequência de vários «golpes» que são característica de certas forças.

Sabe-se também que circulam livremente por este País, pessoas muito conhecidas como altamente responsáveis pelo misero estado a que o País chegou no curto espaço de 2 anos.

Contudo, não estão presas e até parece que, não há, praticamente, presos políticos em Portugal.

Agora, apetece-nos perguntar: se não fora o 25 de Novembro, quantos milhares de presos estariam hoje nas nossas cadeias e quantos já teriam «ficado» no Campo Pequeno?

### O feijão e o arroz

Quando vêem um prato com guarnição de feijão, as pessoas são geralmente levadas a pensar que se trata de um prato pobre e que o mesmo prato será «fino» se tiver guarnição de arroz muito branquinho. Erro tremendo... porque o arroz muito branco tem apenas hidrato de carbono e portanto não tem valor alimentar. As proteínas e a vitamina B ficam na casca.

Com menos hidrato de carbono, o feijão mantém as proteínas e as vitaminas e portanto tem muito maior valor alimentar.

Há muito boa gente que tem o mau hábito de tomar muitos sumos, preferindo-os ao fruto completo. Isso é um grande erro, pois é mais útil comer os frutos do que beber só os sumos. Estes são absorvidos 3 vezes mais depressa do que o fruto e as pessoas acabam por ingerir muito mais açúcar do que se comessem o fruto.

De salientar o erro que as pessoas cometem ao tomar grandes copos de sumos de laranja para evacuar. Para estes casos, a celulose é a parte mais útil da laranja e é exactamente o que se desperdiça...

vres. E felicitamo-lo, também, por viver num país onde se pode sentir feliz por ter vencido na vida, ao contrário do que está acontecendo em Portugal onde só se enaltece aqueles que nunca conseguiram (ou ainda não conseguiram) fazer nada pelo seu próprio futuro. É terrivelmente doloroso mas é verdade.

### 160 DÓLARES PARA «A VOZ DE LOULÉ»

Como nota saliente da carta deste nosso conterrâneo é lícito destacar o forte estímulo que nos dá através do envio de um cheque de 160 dólares (e ainda 2 acções da «SOLARIUM») para ajudar «A Voz de Loulé» e que é o produto do seu trabalho junto de amigos residentes na Venezuela e para quem o nosso jornal representa algo mais do que uma simples folha de papel impresso.

É um gesto bastante significativo e encorajador para quem sente a amargura de não ter sido ainda compreendido por alguns (raros) amigos que teimam em não querer ver como foi traída a Revolução da Esperança. Aquela Revolução que nos levou ao rubro na radiosa manhã de 25 de Abril de 1974 e que rapidamente se transformou na Revolução da Desesperança... para quantos portugueses que, ao longo de 50 anos, sonharam com o fim das ditaduras em Portugal.

Por isso obrigado amigo Manuel Corga. Obrigado pelo incentivo que nos dá. E não tanto pelo dinheiro que nos enviou (que é uma forma de manter acesa esta chama de esperança num Portugal melhor), mas pelas palavras amigas e reconfortantes com que se digna premiar o nosso desinteressado trabalho — ao serviço de Loulé e da Pátria que amamos... porque esta é a terra dos nossos avós, dos nossos pais, esta é a nosa terra

## FALECIMENTOS

Em casa de sua residência em Loulé, faleceu no passado dia 11 de Junho a sr.ª D. Alice Fabião de Campos, que contava 78 anos de idade e era viúva do sr. Sebastião dos Santos Júnior.

A saudosa extinta era mãe do sr. Sebastião dos Santos, casado com a sr.ª D. Maria da Luz Morgado e era avó de Sebastião Morgado dos Santos.

— No Sanatório de S. Brás, onde estava internado, faleceu no passado dia 19 de Junho o sr. José Sebastião, proprietário, natural de Casas Martin Anes (Salir), que contava 74 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Isabel Guerreiro.

O saudoso extinto era pai das sr.ªs D. Maria Nunes Guerreiro Martins, casada com o sr. Manuel Vicente Martins e D. Julieta Guerreiro Nunes da Ponte, casada com o sr. Manuel da Ponte, residente nos E. U. A.

— Após prolongado sofrimento, faleceu em casa de sua residência em Loulé, a sr.ª D. Rosa Laginha Duarte, que contava 71 anos de idade e deixou viúvo o sr. Manuel Fernandes Duarte.

A saudosa extinta era mãe dos nossos prezados amigos e assistentes, srs. José Laginha Duarte, comerciante da nossa praça, casado com a sr.ª D. Maria Virgínia Estevão Duarte, e do sr. Manuel Laginha Duarte, casado com a sr.ª Lucília de Freitas Duarte, residentes no Brasil, e avó de Maria Helena Estevão Laginha Duarte, Rosa Maria de Freitas Duarte, Manuel de Freitas Duarte, Nemésio de Freitas Duarte e Lucília de Freitas Duarte.

Em casa de sua residência em Loulé, faleceu no passado dia 7 de Junho, a sr.ª D. Maria do Es-

pirito Santo Romão, viúva do sr. António de Brito da Mana Júnior, que contava 82 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe das sras. D. Genoveva Romão da Mana, casada com o sr. Francisco Mealha Martins, residentes na Austrália; D. Rosa Romão de Brito, casada com o sr. José Caetano Gonçalves, residentes na Franqueada; D. Albertina Romão de Brito, casada com o sr. Manuel Correia Cebola; D. Maria José Romão de Brito casada com o sr. Manuel de Sousa Gonçalves, residente na Venezuela; D. Maria Romão de Brito (falecida), e avó dos srs. José Maria de Brito, José da Mana Martins, Humberto Mealha Martins, Vítor Manuel de Brito Correia, António Manuel de Sousa Romão e da menina Maria José de Brito Correia Cebola.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

Em anexo, enviou-nos o sr. Manuel Corga uma lista de novos assinantes, gesto que interpretamos como símbolo de amizade para com o jornal da nossa terra. Noutra local do presente número publicamos os respectivos nomes.

Antes de terminarmos queremos ainda arquivar a seguinte passagem da carta do sr. Manuel Corga:

«Quero mais uma vez felicitá-lo, pela linha de conduta corajosa que mantém no nosso jornal, para enfrentar e debater os problemas nacionais ocasionados pela incapacidade de governantes que têm levado o nosso país à ruína actual.

Ovalá que o nosso jornal possa seguir sempre pelo mesmo rumo, para assim contribuir para a educação política e esclarecimento do povo.

O seu sensível sentido patriótico, deve merecer de todos os louletanos os mais sinceros agradecimentos».

Para o sr. Manuel Corga e para os louletanos que lhes deram a sua preciosa colaboração, vão os nossos agradecimentos mais sinceros.

pirito Santo Romão, viúva do sr. António de Brito da Mana Júnior, que contava 82 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe das sras. D. Genoveva Romão da Mana, casada com o sr. Francisco Mealha Martins, residentes na Austrália; D. Rosa Romão de Brito, casada com o sr. José Caetano Gonçalves, residentes na Franqueada; D. Albertina Romão de Brito, casada com o sr. Manuel Correia Cebola; D. Maria José Romão de Brito casada com o sr. Manuel de Sousa Gonçalves, residente na Venezuela; D. Maria Romão de Brito (falecida), e avó dos srs. José Maria de Brito, José da Mana Martins, Humberto Mealha Martins, Vítor Manuel de Brito Correia, António Manuel de Sousa Romão e da menina Maria José de Brito Correia Cebola.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

Em anexo, enviou-nos o sr. Manuel Corga uma lista de novos assinantes, gesto que interpretamos como símbolo de amizade para com o jornal da nossa terra. Noutra local do presente número publicamos os respectivos nomes.

Antes de terminarmos queremos ainda arquivar a seguinte passagem da carta do sr. Manuel Corga:

«Quero mais uma vez felicitá-lo, pela linha de conduta corajosa que mantém no nosso jornal, para enfrentar e debater os problemas nacionais ocasionados pela incapacidade de governantes que têm levado o nosso país à ruína actual.

Ovalá que o nosso jornal possa seguir sempre pelo mesmo rumo, para assim contribuir para a educação política e esclarecimento do povo.

O seu sensível sentido patriótico, deve merecer de todos os louletanos os mais sinceros agradecimentos».

Para o sr. Manuel Corga e para os louletanos que lhes deram a sua preciosa colaboração, vão os nossos agradecimentos mais sinceros.

Em anexo, enviou-nos o sr. Manuel Corga uma lista de novos assinantes, gesto que interpretamos como símbolo de amizade para com o jornal da nossa terra. Noutra local do presente número publicamos os respectivos nomes.

## FEITA JUSTIÇA A UM TRABALHADOR saneado da Câmara Municipal de Loulé

(continuação da pág. 1)

1974, altura em que aquela C. A. decidiu, inesperada e abusivamente, sanear-me da condição de funcionário da Câmara de Loulé, onde desempenhei funções durante mais de 13 anos, como cobrador de taxa, no mercado municipal de Quarteira.

Embora muito houvesse a dizer a este propósito, não me alongarei e serei breve, para não o magoar a si e aos leitores de «A Voz de Loulé».

Sumariamente, o que se passou foi o seguinte:

Um dito «abaixo-assinado» de alguns habitantes de Quarteira (manobrados, como se provou, por um indivíduo que teve acções políticas ao serviço do antigo regime) levou a Comissão Administrativa da C. M. L. a levantar-me um inquérito e a suspender-me das funções que desempenhava em Agosto de 1974. O referido inquérito correu os seus trâmites, *nada se tendo provado contra mim*. Curiosamente, a pessoa encarregada do inquérito não ouviu sequer uma única vendedeira do mercado de Quarteira, pessoas com quem eu diariamente tinha de contactar, no desempenho das minhas actividades. E isto porque, sr. director? E que essas vendedeiras conhecem-me bem e poderiam abonar a meu favor... Foi por isso que não foram ouvidas. Que é que a Comissão Administrativa pretendia então? SANEAR! SANEAR! SANEAR! E foi o que fizeram as pessoas que estavam à frente do «processo», pois nada podendo provar contra mim, ao fim de quase um ano, a C. A., da C. M. L. deliberou, em 18 de Junho de 1975, fazer um «saneamento selvagem», rescindindo o contrato que me ligava à Câmara de Loulé, invocando «esta razão» absurda e inacreditável: de que eu «não tinha espírito compatível com a revolução em curso».

Vendo que, com toda esta maquinação, eu iria perder o meu ganha-pão, e ciente da razão que me assistia, como homem honrado e trabalhador que sempre fui, decidi recorrer da deliberação para a Auditoria Administrativa de Lisboa. Entretanto, chegava-me o apoio unânime dos que trabalham na Câmara Municipal de Loulé, onde foi aprovada uma moção exigindo à Comissão Administrativa a minha reintegração no serviço. Mas a C. A. fez ouvidos de mercador, esperanças talvez em fazer mais um saneamentozinho de trabalhadores ou de «peixe mais graúdo»... Mas não quero entrar em pormenores que enchem as páginas de «A Voz de Loulé».

Assim, o recurso seguiu para Lisboa. Eu pedia, legitimamente, que fosse anulada a deliberação da C. A. da C. M. L. e que me fosse feita justiça. Citada para contestar, aquela Comissão Administrativa manteve-se silenciosa. Só que o seu presidente, sr. dr. João Barros Madeira, decidiu, em ofício de 13 de Outubro de 1975, enviar ao Juiz Auditor uma carta, que representa o cúmulo da desfa-

tez e do cinismo, vindos da parte de um homem com quem sempre mantive boas relações e de quem não esperava procedimento de tão baixo nível. Essa carta pretende fazer pressão psicológica e política sobre o juiz, afirmando o dr. Madeira que eu sou «um fascista convicto» e que «se vier outro 28 de Maio o recorrente (...) será o primeiro a disparar nas costas dos democráticos». E essa vergonhosa carta, escrita por um homem que, pela sua posição social e pela profissão que exerce, merecia um pouco mais de respeito por si próprio — já que não sabe ou não quer ter respeito pelos outros — termina da seguinte maneira: «Basta-nos a consciência plena de termos saneado um fascista convicto, indesejável elemento de qualquer população».

Esta carta, sr. director, é uma autêntica canalhice, como indecente foi toda a actuação da ex-Comissão Administrativa da C. M. L. neste assunto. Ainda hoje não consigo compreender como certas pessoas, que considero sérias e honestas, colaboraram nesta farsa, representada pelo dr. Barros Madeira e por aqueles que sempre estiveram do lado dele. Se é verdade que tentaram, com calúnias e intrigas, distorcer a realidade dos factos, não é menos verdade que não conseguiram roer na minha honra nem convencer ninguém com os traiçoeiros argumentos que utilizaram (disseram, por exemplo, que a população de Quarteira não me queria no mercado, o que é uma refinada mentira conforme ainda hoje qualquer pessoa pode provar).

Mas felizmente, sr. director, os juizes dos nossos tribunais ainda não se esqueceram do que quer dizer a palavra justiça. E a provar esta minha afirmação está a sentença de 19 de Março de 1976, da Auditoria Administrativa de Lisboa, cujo juiz deu como não provadas todas as pseudo razões invocadas pela ex-Comissão Administrativa da C. M. L. para o «saneamento selvagem» de que fui vítima. Segundo essa sentença (contida em 12 páginas manuscritas) «o recorrente só poderá cessar funções, por denúncia da Câmara, a partir de 17 de Abril de 1976» (data do termo da vigência do contrato).

E diz ainda a sentença que «a Câmara atender à já referida moção dos trabalhadores o recorrente nem sequer terá interrupção das funções nem prejuízo visível. Não terá prejuízo moral, pois, como se disse, a medida aplicada não tem qualquer sentido punitivo».

Afirma também o juiz da Auditoria Administrativa de Lisboa que «nada impede a celebração de novo contrato logo a seguir ao termo do que decorres». Esse termo, como já disse, verificou-se no dia 17 de Abril e, até ao momento em que escrevo esta carta, desconheço se os actuais dirigentes da Câmara Municipal de Loulé estão ou não na disposição de celebrar novo contrato, embora saiba que já dedicaram ao assunto alguma atenção.

De qualquer modo, sr. director, mesmo que o novo contrato nunca venha a ser celebrado, considero-me de bem com a minha consciência, ciente de que cumpro o meu dever, e estou particularmente grato à Justiça por não ter permitido que duas ou três pessoas mal intencionadas pudessem ter visto premiadas as suas baixas intenções. Sem pretender imitar o sr. dr. Barros Madeira, sirvo-me de palavras dele para dizer que «é vergonhoso e causa-nos náusea» como certas pessoas que se dizem democratas tenham tão pouca consciência e tomem atitudes que nenhuma água poderá lavar.

Q. M.

## ALMANCIL-NEXE

### já tem energia eléctrica

Após longos anos de insistentes pedidos da população e de bonitas promessas das entidades oficiais, finalmente foi atendida a mais legítima aspiração dos habitantes do sítio do Esteval, (mais conhecido por estação de Almancil-Nexe), cujo aglomerado populacional há muito justificava tal pretensão.

E porque se trata de electricidade, parece-nos que nem vale a pena fazer comentários aos altos benefícios que proporciona

como veículo de progresso e bem estar.

Resta, por isso, acrescentar que a população local participou com 500 contos para a realização dum melhoramento que é sem dúvida o de mais transcendente importância para um aglomerado populacional.

Será para desejar que se sigam outras obras no mesmo género através dos nossos campos — antes que seja demasiado tarde para evitar o seu despovoamento.

# NOTÍCIAS DO AMEIXIAL

## ● O FLAGELO DA FALTA DE ÁGUA

Debate-se o Ameixial com o mais angustiante dos seus problemas: a falta de água!

Esta carência do precioso líquido com que esta população se vê seriamente embaraçada, não é de hoje nem de ontem, vem de longe, mas a verdade é que de ano para ano ela mais se tem agravado, não só pela persistência das secas dos últimos anos como também devido à poluição das nascentes que circundam o Ameixial.

Possui o Ameixial quatro poços destinados, em princípio ao abastecimento de água à população, dos quais se vê na maioria dos casos forçada a utilizar-se à falta de melhor, não obstante a água por todos eles fornecida estar de há muito considerada imprópria para consumo, tendo até há cerca de dois anos a Direcção Geral de Saúde mandado afixar junto de todos eles taboetas com o seguinte aviso.

«ÁGUA IMPROPRIA PARA CONSUMO. DEVE SER FERVIDA».

Apesar desta séria advertência, a verdade nua e crua é que a água desses poços, continua, pela força das circunstâncias, a ser utilizada quotidianamente para suprir grande parte das necessidades mais urgentes da população — com excepção da água para beber — até ao seu esgotamento total, o que sempre acontece anualmente no período mais agudo das estiagens, período esse que torna então a vida destas gentes mais aflitiva!

Apesar do que aqui afirmamos não se diga que o Ameixial é desprovido de água, pois é sabido de todos os que por aqui transitam, que a um quilómetro de distância da povoação existe uma fonte, de puríssima e cristalina água férrea, de salutar efeitos digestivos e outros, à qual muita gente recorre: a fonte da Asseiceira.

Esta antiquíssima fonte da Asseiceira, tão querida dos seus habitantes, cuja data de inauguração se desconhece e que acarinhada pelos poderes públicos com todos os melhoramentos de que carece poderia tornar-se um aprazível ponto turístico, tem um fraco caudal de água de apenas cinco litros por minuto, não obstante ser voz corrente que ela está situada sobre uma extensa toalha de água subterrânea.

Tal abundância de água foi muito recentemente confirmada por um reputado vedor que a pedido das estâncias oficiais aqui veio ao local verificar o assunto, tendo confirmado plenamente o que o público há longos decénios vem dizendo a tal respeito e acrescentado até que a água existente naquela área, bem aproveitada, daria para o abastecimento de uma Vila, sem necessidade de mexer na fonte e nem prejudicar o seu caudal. Em face a tais indícios e à premente necessidade desta população, esperam os ameixialenses que as entidades competentes resolvam no mais curto espaço de tempo este assunto, segundo os moldes já por eles expressos, e que são, a nosso ver, inteiramente viáveis.

Contudo, não obstante esta «abundância» de água de que o Ameixial tem fama, os seus habitantes consomem a água mais cara do País: 150\$00 cada metro cúbico! Triste record este de que o Ameixial não deseja ufanar-se mas sim libertar-se o mais breve que possa.

Em data recente foi publicado um Decreto dando prioridade absoluta às populações com menos de 500 habitantes, o que vem precisamente em nosso auxílio, visto encontrarmos-nos dentro das condições expressas na referida Lei.

Mas como só com Decretos, pedidos e promessas não se capta a água que nos faz falta, se essas três forças não forem dirigidas e impulsionadas por homens de boa vontade, que creio ainda existirem no País dentro destes princípios, assiste-nos o direito de esperar que tão dramática situação a desta freguesia-mártir, cesse o mais urgentemente possível e que caso assim não aconteça continuemos a ter ao nosso dispor as colunas deste Jornal para prosseguirmos na continuação desta nossa justíssima luta até que nos seja feita a devida Justiça.

Manuel Francisco Júnior

★

## ● ASSALTO POUCO RENDOSO...

No dia 1 do corrente surgiu subitamente no estabelecimento comercial de Manuel Pereira, do Monte dos Cavalos, situado junto à estrada, um indivíduo com o rosto tapado por um pano, donde só lhe descortinavam uns olhos ameaçadores, empunhando uma pistola.

Naquele momento apenas ali se encontrava a esposa do proprietário a que o energúmeno se dirigiu e perguntou, visando-a com a arma se se encontrava mais alguém em casa e onde se encontrava o seu marido, a interpelada sem perder o sangue frio, tão difícil em tais ocasiões, respondeu-lhe que num quarto contíguo se encontrava deitada uma pequena e ali bem próximo estava seu marido a trabalhar.

Ouvindo esta resposta um pouco tranquilizadora para os seus maléficos intentos, logo lhe ordenou que estivesse calada e lhe entregasse todo o dinheiro que tinha em casa, ao que a interpelada respondeu que todo o dinheiro que possuíam o depositara no dia anterior no Banco.

O malandrim sem se dar por vencido, entrou na parte de dentro do balcão, abriu a gaveta onde se encontrava uma pequena caixa contendo os apuros do dia e espalhadas mais algumas cédulas que apressadamente tratou de juntar ao restante. Entretanto e enquanto o ladrão tratava desta colheita..., a vítima saía velozmente de casa clamando por socorro dos vizinhos tendo estes acorrido ao local imediatamente.

O ladrão certamente surpreendido por esta súbita reacção que não esperava, tratou de fugir o mais depressa que pôde mas levando a pequena mala com algumas centenas de escudos apenas, correndo tanto quanto as suas pernas lho permitiam, por

montes e vales mas em sentido contrário ao que certamente constava dos seus planos, e foi este pequeno pormenor com que não contava que mais agravou a sua situação.

A dona do estabelecimento certamente possuidora de boa memória e perspicácia, lembrou-se então que cerca duma hora antes desta ocorrência ou seja pelas sete horas da manhã, um indivíduo aparentando a mesma estatura e vestuário passara pela estrada em direcção ao monte dos Besteiros, numa moto, levando na cabeça um pano a adejar ao vento, o que achou bastante bizarro e lhe chamou a sua atenção, cerca das oito horas surgiu-lhe no seu estabelecimento pela forma já indicada um indivíduo parecido àquele e cujo pano a tapar-lhe o rosto qualquer coisa de inexplicável intuitivamente lhe dizia ser igual ao antecedente, mas onde se encontra a motociçeta? Interrogava-se a senhora...

Eis que com a chegada de seu marido e de alguns vizinhos lhes expôs este problema e logo se lançaram em procura do veículo que facilmente encontraram ali perto, preparado para a proeza o dono nele se pôr a salvo, cujo número e matrícula da chapa indicava pertencer ao concelho de São Braz de Alportel, onde lhes foi dito que o dono era do monte do Farrobo, freguesia de Alportel, lá chegados constataram que na ocasião da proeza o proprietário do veículo devia estar muito distante, sendo em seguida detido um familiar do mesmo no qual a vítima julgou reconhecer como sendo o autor do roubo, o qual recolheu à cadeia de Faro para averiguações.

Na noite anterior, num monte próximo, os Besteiros, tinha-se dado uma tentativa de arrombamento numa residência que assinalado a tempo pôs o meliante em fuga, o que trás os habitantes preocupados, sendo caso para dizer que os lobos desceram ao povoado...

M. F. J.

## DESPORTO

### ● ANDEBOL

Realizou-se no dia 6 de Junho, dentro das Comemorações do DIA MUNDIAL DO AMBIENTE o «DIA MUNDIAL DA CRIANÇA», uma movimentação de Mini-Andebol e Andebol.

No Mini-Andebol, movimentaram-se 15 equipas, nas categorias de Iniciados e Juvenis, masculinos e femininos, num total de 150 alunos.

Nesta movimentação que teve lugar em Silves participaram: Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Loulé, Monchique, e Albufeira.

### ● CURSO DE ANIMADORES DE ANDEBOL

Em Albufeira, realizou-se, há pouco, um Curso de Animadores de Andebol, só para raparigas.

O Curso teve a frequência de 30 raparigas com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos.

Concentraram-se raparigas de todo o Algarve, nomeadamente: Olhão, 8; Loulé, 3; Silves, 3; Lagoa, 3; Portimão, 3; Albufeira, 7 e Faro, 3.

## JOSÉ NEVES LOURENÇO

MEDIADOR DE SEGUROS

Rua Ataíde de Oliveira, 29-1.º

Telef. 62757 — LOULÉ

## ROUBAR E SER ROUBADO

Há já bastantes dias na nossa redacção o sr. Manuel Gabriel, natural de Vale Judeu, que veio desabafar connosco pelo facto de lhe terem roubado o motor com que regava a sua horta na Fonte Santa.

Sentimo, o seu problema e mais ainda o desânimo com que nos falava, pois era evidente a sua indignação por se ver impossibilitado de continuar a tratar do bocado de terra a que devotadamente se dedica com o carinho de quem ama aquilo que é muito da razão da sua existência.

Para roubar o motor assaltaram a casa onde este trabalhava e daqui surge o dilema: comprar outro motor, (que também poderá ser igualmente roubado) ou abandonar uma verdejante horta? As árvores secam, a sementeira perde-se, o desânimo aumenta, o desespero cresce.

O valor do motor é de 15 contos e por isso o sr. Gabriel não pode arriscar-se a comprar outro; não pode dormir ao lado do

motor, e nem sequer pode levá-lo diariamente para casa.

E será abandonando as terras, por impossibilidade de as aproveitar, que vamos melhorar a nossa agricultura ou terá o sr. Gabriel que pôr em prática os seus pensamentos de que precisará também de roubar para sobreviver?

E foi esta uma das razões principais que nos levou a divulgar este caso, pois, no fundo, ele é verdadeiramente insignificante comparado com a monstruosidade dos roubos que, em nome da Reforma Agrária, se têm cometido no Alentejo. De facto, que significará o roubo de um pequeno motor, comparado com as centenas de animais roubados, motores «desviados», casas assaltadas e recheio, saqueados e a traumatização psicológica de largas centenas ou milhares de pessoas, muitas das quais têm passado fome... porque lhes roubaram tudo quanto possuíam?

Uma brincadeira de crianças numa das suas habituais «covioidas»...

## AS GRUTAS DE MIRA DE AIRE

Recente viagem a Tomar, como componente da excursão promovida pela firma Águas de Carvalhinhos, proporcionou-nos uma visita às grutas de Mira de Aire. E porque se trata de um local que vale a pena ser visitado por quem possa fazê-lo, recomendamos aos nossos leitores que não percam a primeira oportunidade de conhecer um dos mais belos espectáculos naturais do nosso país.

Estas grutas foram descobertas em 1947, mas só em 1953 foi possível conhecer o percurso hoje aberto ao público.

Em 1971, constituiu-se a Sociedade Concessionária que, vencendo os obstáculos naturais, abrindo túneis, saltando precipícios, dando luz e som à beleza inanimada, pode agora oferecer ao turista a rota deslumbrante do mundo das estalactites:

- A «Sala Grande» (1.º Poço) e a sua imponência.
- A «Sala Vermelha» e a magia da cor.
- O cintilar da «Joalharia».
- A Cúpula Majestosa do «2.º

Poço» e a descida abrupta até à «Galeria». Depois, o serpentejar por centenas de metros e a revelação de estranhas e variadíssimas formações calcárias, como a «Alforreca» e os «Pequenos Lagos», o «Marciano», a «Boca do Inferno», a magnificência do «Orgão».

Os pequenos regatos e o «Rio Negro», cujas águas saltitando na cascata se juntam às do «Grande Lago». Aqui, em apoteose feérica, o «Grande Espectáculo Final da Água, da Luz e do Som».

## CAFÉ ARIEIRO

### TRESPASSA SE

Tratar com o proprietário: António Domingos Cavaco.

Rua da Carreira — Telefone 62299 — LOULÉ.



## Restaurante

## DUAS SENTINELAS

Esmerado serviço de

ALMOÇOS — JANTARES — CASAMENTOS  
BAPTIZADOS

Ambiente acolhedor no pinhal da Estrada Loulé-Quarteira.

Área aprazível para recreio de adultos e diversão de crianças.

A 500 metros das Quatro Estradas  
Experimente a nossa cozinha. Preços acessíveis.



## ARMELIM CONTREIRAS

STAND DE AUTOMÓVEIS  
Compra, Vende e Troca Automóveis  
novos e usados

Telef. 62919  
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira  
Resid.: Rua dos Combatentes da  
G. Guerra, N.º 14-1.º-Esq.º

(Largo do Chafariz)  
Campina de Cima

LOULÉ

## Abriu em FARO

a Agência VICTOR

SERVIÇO DE FUNERAIS E TRANSLADAÇÕES  
SERVIÇO INTERNACIONAL

Rua Aboim Ascensão, 11 e 11-B

## AINDA A VISITA AO ALGARVE DE PINHEIRO DE AZEVEDO

A convite do Gabinete de Planeamento do Algarve esteve recentemente na nossa província o almirante Pinheiro de Azevedo.

Embora se tivesse tratado oficialmente de uma visita de trabalho, a verdade é que foi interpretada como de pré-campanha eleitoral.

Contudo, esta visita incidiu especialmente na observação directa de obras realizadas, de outras em execução e ainda as que se projectam com o firme objectivo de lançar o Algarve nos caminhos dum desenvolvimento que não poderá ser travado por forças políticas ostensiva e claramente interessadas em arrazar a economia deste cada vez mais pobre país.

E porque combatemos essas forças, supomos poder aplaudir o trabalho que está a ser realizado nos gabinetes do GAP e que parece visar principalmente aproveitar tudo o que no Algarve possa produzir riqueza, pois só através da equitativa distribuição será possível banir a miséria da face da Terra. E nós somos dos que entendemos que é muito mais importante acabar com a miséria do que acabar com os ricos.

E quem não quiser um socialismo de miséria terá que aplaudir, também, tudo o que se faça para criar novas fontes de trabalho que é sempre sinónimo de riqueza, pois só o trabalho a pode produzir.

O Almirante Pinheiro de Azevedo visitou as instalações da GAP e congratulou-se pelo trabalho realizado e considerando importante que sejam definidos os objectivos e a missão deste organismo, o que até agora ainda não aconteceu. Formulou votos por que isso aconteça «a fim de andarmos para a frente».

O Primeiro Ministro dirigiu-se depois a Vilamoura onde visitou as importantes obras da estação e tratamento de esgotos, que terá capacidade de absorção das lamas de Loulé, Quarteira e Vilamoura as quais serão aproveitadas para a agricultura.

Trata-se, portanto, de uma obra de grande repercussão no saneamento da nossa região.

No Hotel, em Lagoa, elementos do GAP aludiram aos aspectos negativos do turismo, que causaram prejuízos de milhares e milhares de contos e que vão tentar «corrigir» as assimetrias regionais, mas não foi feita qualquer referência aos «aspectos positivos do turismo» como principal factor de equilíbrio da nossa balança de pagamentos e que tem proporcionado trabalho, riqueza e bem estar para milhares e milhares de pessoas e mi-

lhares e milhares de contos de lucro para o país, com especial incidência para os trabalhadores que usufruíram os mais altos salários deste país e que hoje se queixam dos «salários de miséria» que dantes ganhavam. Basta referir que havia cozinheiros com ordenados superiores a Ministros! E trabalhavam em hotéis que hoje dão milhares de contos de prejuízo!

E isto sem contar com as percentagens que alguns trabalhadores mais privilegiados recebiam, das pernas de carneiro que embrulhavam em cinza, que deitavam para o caixote do lixo e depois vendiam a 3.ª pessoas. Claro que, a isto, ninguém vai chamar: «exploração do homem pelo homem».

Se é verdade que o turismo tem aspectos negativos, nós entendemos que eles devam ser corrigidos. Mas entendemos que também devem ser realçados os imensos aspectos positivos do turismo, sob pena de, propositada e deliberadamente, nos afundarmos (só a maioria) num socialismo de miséria. Esta é a verdade. O resto são teorias de idealistas que sonham com um socialismo ao sabor das suas conveniências pessoais. E isto não pode ser.

## NOVAS PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE VILAMOURA

Apesar da tremenda confusão lançada propositadamente para destruir as estruturas turísticas do Algarve, o homem que sonharam erguer em Vilamoura um complexo turístico a nível europeu não desistiu de lutar pela continuação de uma obra que continua válida e que por isso não pode morrer.

E por isso é já o próprio Governo que está a interessar-se pelos seus problemas.

Atestam-no agora a recente visita a Vilamoura do Eng.º Sousa Gomes e do Dr. Santos Silva, respectivamente Secretário de Estado dos Investimentos Públicos e Secretário de Estado do Tesouro, que foram recebidos pelo Conselho de Gestão do Banco Português do Atlântico e pela Administração da Lusotur, empresa proprietária e promotora daquele empreendimento.

Realizou-se uma sessão de trabalho durante a qual aqueles membros do Governo escutaram pormenorizadas exposições apresentadas por diversos técnicos acerca do empreendimento inteirando-se dos problemas que afectam e condicionam o seu desenvolvimento.

Face aos investimentos já realizados em infraestruturas urbanísticas e a deficiente capacidade de alojamento de Vilamoura (cerca de 4 000 camas das quais apenas 800 em hotelaria tradicional) considerou a empresa a necessidade de aumentar rapidamente esta capacidade a fim de obter o máximo aproveitamento das infraestruturas já montadas.

Dentro desta linha mereceram especial referência a conclusão da zona envolvente da Marina e do Holiday in Vilamoura.

Seguiu-se uma visita ao empreendimento, merecendo especial atenção a Marina (que já hoje pode receber 615 barcos de

## Tresloucada atitude de um motociclista

No cumprimento da missão que fora incumbido numa operação de fiscalização de trânsito em Faro, o subchefe Santos Silva foi propositada e selvaticamente atropelado pelo motociclista a quem fizera sinal de paragem.

Trata-se do estudante Arnaldo Santana Bolas, de 18 anos, residente no sítio do Areal Gordo.

O subchefe da P. S. P. ficou incapacitado para o serviço durante alguns dias e o atropelante foi julgado no Tribunal da Comarca de Faro e condenado em 30 dias de prisão substituídos por multa a 25\$00 por dia; 15 dias de apreensão de licença de condução; 880\$00 de imposto de justiça; 300\$00 para a Procuradoria; 15 600\$00 de indemnização ao Estado e 10 000\$00 de indemnização ao ofendido.

É imensamente triste verificar como há indivíduos tão maus que são capazes de recorrer aos mais tresloucados actos só para manifestar a sua revolta perante a lei a que deve obedecer qualquer cidadão consciente dum país civilizado.

## ADIADAS PARA SETEMBRO A FASE FINAL DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA «CARTILHA MATERNAL»

Por motivo das eleições para a Presidência da República, a Comissão Organizadora das Comemorações Nacionais do Centenário da «Cartilha Maternal», decidiu adiar para final de Setembro a realização da 2.ª fase da justa homenagem a prestar à memória e ao engenho do talentoso autor da «Cartilha Maternal», que há 100 anos veio rasgar horizontes progressistas na educação das crianças em Portugal.

Assim, o prazo para entrega dos trabalhos executados pelas crianças de todo o País para a grande Exposição Comemorativa do Poeta e da sua Obra é logicamente alargado também até ao dia 31 de Agosto, inclusive — dando, pois, possibilidade de uma participação ainda maior, embora o número de trabalhos recebidos até agora seja já muito grande.

Entretanto, todos os trabalhos podem e devem ser envia-

dos directamente para «Racal Clube» — Rua dos Operários, 28 Silves — Algarve — ao qual podem ser solicitadas também todas e quaisquer informações acerca da iniciativa em curso, e, bem assim, os regulamentos do próprio concurso, que serão remetidos sem demora aos interessados.

Oportunamente, divulgar-se-á através dos órgãos da comunicação social, o programa completo da segunda fase das comemorações, que se iniciará em Silves, concelho a que pertence a terra natal de João de Deus (São Bartolomeu de Messines), mas que se estenderá depois a todas as outras terras de relevo na vida do poeta (Coimbra, Beja e Porto) terminando em Lisboa, onde ele viveu os últimos anos da sua vida.

**NASCIDAS DO MAIS PROFUNDO DA MONTANHA, AS ÁGUAS DE CARVALHELOS TRAZEM OS SAIS MINERAIS NECESSÁRIOS À VIDA.**

## A alegria de sermos pobres

Recentemente, o Gabinete de Planeamento do Algarve divulgou a notícia de que estão em execução no Algarve 2 barragens de terra, e cujo objectivo é facilitar o armazenamento de água para regas. Obra sem dúvida de transcendente importância para uma terra onde raramente chove e que, por isso mesmo, sofre de frequentes carências de água.

Essa notícia foi divulgada por toda a imprensa algarvia como um acontecimento importante — porque é sempre importante tudo o que se relaciona com esse elemento vital da vida que é a água.

«A Voz de Loulé» também embandeirou em arco, enaltecendo o acontecimento como se se tratasse de ter chegado, finalmente, a «Hora do Algarve». E isto, principalmente, por supomos tratar-se de apenas se dar início a um vasto plano de rega do Algarve, que sabemos existir, mas que, em boa verdade, desconhecemos se está ou não nos projectos de GAP.

Efectivamente, o Gabinete de Planeamento do Algarve está fazendo obra palpável em diversos sectores para incrementar o desenvolvimento harmonico da nossa província onde há imensas riquezas por aproveitar — muito principalmente se se cons-

truírem mais barragens (e não apenas tapadas) para irrigar mais terras e proporcionar abundância de água para todos.

Para o leitor ajuizar do relativo valor das 2 obras a que nos estamos referindo, cabe aqui um pequeno comentário do nosso prezado colega «O Távira», cujo director já conhece a dimensão dos trabalhos efectuados:

«O facto de não sermos técnicos, leva-nos a não comentar a validade destas tapadas (este deve ser o seu verdadeiro nome), preferindo esperar um ano pelos resultados. Contudo abalizamo-nos em crer que, se alguns dos nossos colegas tivessem, como nós, visitado uma das obras anunciadas não teriam dado tão grande relevo à notícia enviada pelo gabinete de informação do GAP».

E que se um dia, realmente, o Gabinete de Planeamento da Região do Algarve, realizar uma construção de vulto, que adjectivação se poderá, depois, encontrar para ela?

A razão do nosso colega é relativa porque, em termos de grandeza, tudo é relativo neste mundo.

Sem dúvida que 2 pequenas represas de 8 e 9 metros não têm grande significado económico a nível de uma província, mas também é verdade que oferecer uma velha boneca de trapo a uma pobre menina, que nunca teve uma boneca, é proporcionar-lhe maior felicidade do que oferecer-lhe uma joia preciosa.

Portanto, para quem assistiu, durante quase 2 longos anos a uma quase paralização dos mais diversos sectores da construção civil, que são as maiores fontes impulsionadoras do progresso e vê que, finalmente se começa a fazer algo de positivo, pois parece natural que rejubile com o acontecimento.

Obras pequenas? Pequenas coisas? Mas, a que mais podemos as-

pirar agora senão a pequenas coisas?

Alguém será capaz de fazer uma barragem com 1 000\$00?

E se uma barragem custa 1 a 3 milhões de contos, onde vamos buscá-los?

Se é urgente fazer a ponte sobre o Guadiana, onde está o dinheiro?

Quem poderá pensar agora em sonhos (forçosamente utópicos) de trazer água do Guadiana até às cercanias de Aljezur, como ainda há pouco mais de um ano foi dito em Loulé por um conhecido técnico de barragens?

Mesmo que essa obra seja tecnicamente realizável e economicamente possível (o que duvidamos) onde iríamos buscar o dinheiro para uma obra de tamanha grandeza?

A não ser que se descubra por aí um processo de fazer estas coisas sem dinheiro... ou se contrate os homens que em Faro fizeram os dólares falsos.

Quem nos empresta mais dinheiro? Se já temos pouco ouro, escassas divisas e pouco crédito, onde iremos buscar o dinheiro (cuja fuga foi feroz e propositadamente fomentada) para impulsionarmos a criação de novas fontes de riqueza e de bem estar social?

Não será, então verdade que nos teremos de contentar com a alegria de sermos pobres?

No entanto, pela nossa parte preferimos condenar uma política de destruição total da nossa economia para... daqui a 50 anos sonharmos em possuir aquilo que já hoje está ao nosso alcance.

Entretanto batamos palmas com o pouco que foi possível ir fazendo, pois não é verdade que cada vez mais, estamos condenados a ser pobres?

E que mais se pode esperar quando se mentalizam indivíduos de que não devem importar-se passar fome, desde que os empresários, passem também fome?

## A voz da Honestidade

«Queremos um país de justiça e de paz. As minorias que querem fazer deste País um Campo Pequeno, será dada uma resposta correcta. As minorias não me calarão a voz. Não se pode deixar destruir a liberdade. E esses grupos podem ter voz mas para a integrarem na construção do País. Vamos avançar (não aos muros) trabalhar com proveito e a segurança seja de todos e de todas as horas. É preciso dizer não à emigração e sim ao desenvolvimento. Vamos fazer com que este País seja livre mesmo para aqueles que não sabem usar essa liberdade».

«Nós os homens da liberdade não admitimos «Campos Pequenos» para outros fins que não sejam para o efeito que a mesma praça de Lisboa foi construída... A liberdade será defendida seja a que preço for, de modo que o povo português viva em dignidade democrática de uma vez para sempre na sua história».

Ramalho Eanes

## BREZHNEV: um novo Hitler — afirma Pequim

A emissora de Pequim afirmou recentemente que Brejnev é o Hitler dos nossos dias e acusou a União Soviética de semear mentiras sobre a paz e o desarmamento, em atitudes que levarão à guerra e que são semelhantes às da Alemanha Nazi em vésperas do segundo conflito mundial.

Segundo a emissora, captada em Hong Kong, os dirigentes

soviéticos são os chefes de um partido social-fascista que deteve cerca de um milhão de presos políticos em mais de mil campos de concentração.

Por seu lado, a agência noticiosa «Nova China» classificou Leonid Brejnev como uma serpente venenosa, acrescentando: «Os tentáculos dos novos czares estendem-se sobre todo o globo».